

## O Ofício do Historiador

Ricardo da Costa\*

**Resumo:** O que pensamos ter acontecido realmente aconteceu? Qual é exatamente o nosso ofício? O quão confiável é o que nós produzimos? E, afinal, o que é a História? A proposta deste pequeno trabalho é defender a História como arte, e que a nossa compreensão histórica deve ser baseada na análise das fontes, sem nunca esquecer que a busca do historiador é a busca da verdade.

**Palavras Chave:** História - Teoria - Metodologia - Compreensão - Arte.

**Abstract:** What we think really happened has happened? What exactly is the profession of the historian? How reliable is what we produce? And, after all, what is history? The purpose of this little job is to defend history as art, and that our historical comprehension should be based on analysis of the sources, never forget that the pursuit of the historian is the search for truth.

**Keywords:** History. Theory. Methodology. Comprehension. Art.

No início da década de 90, o ex-beatle Paul McCartney (1942- ) e seu antigo produtor George Martin (1926- ) encontraram-se nos *AIR Studios*, em Londres.<sup>1</sup> Conversaram sobre os velhos tempos e o quanto eles estavam se tornando “velhos esquisitos”. De repente, eles discordaram a respeito de um detalhe em suas lembranças sobre os Beatles, quando então caíram em uma gargalhada: “Meu Deus”, disse Martin, “se não pudermos acertar, quem diabos poderá?”<sup>2</sup> Essa pequena anedota a respeito dos *Fab Four* ilustra muito bem um dos problemas centrais da História. O que pensamos ter acontecido realmente aconteceu? Qual é exatamente o nosso ofício? Arriscar-me-ei a apontar algumas reflexões oriundas de meu exercício com aquilo que **Carlo Ginzburg** (1939- ) chamou de *rastros do passado*.<sup>3</sup>

\*\*\*

A constatação da incerteza quanto ao resultado de uma investigação histórica há tempos fora percebida por **Arnold Toynbee** (1889-1975). Em sua monumental obra intitulada *Um Estudo da História*, ele afirmou: “...o pensamento não pode impedir que se façam violências à realidade no ato de tentar apreendê-la”.<sup>4</sup> Essa fundamental insegurança de nosso ofício fez com que, nos últimos anos, crescessem nas Ciências Humanas o *Relativismo*, o *Cinismo* e o *Ceticismo* (correntes pertencentes ao *pacote pós-moderno*, um dos filhos de *Maio de 68* e da crise do Marxismo do final da década de sessenta).<sup>5</sup> Todas essas formas de incredulidade foram combatidas por **Ginzburg** (segundo ele, correntes já em declínio na Europa)<sup>6</sup>, que, por sua vez, não teve (e não tem) escrúpulo em reiterar sua defesa do *positivismo das fontes* (inclusive com suas distorções) e sua crítica (e reparo) a conceitos ambíguos como, por exemplo, o de *representação*.<sup>7</sup> Para isso, **Ginzburg** se vale especialmente da Filosofia e do resgate de obras clássicas – notadamente de Platão e de Aristóteles.<sup>8</sup>

A consciência da dificuldade de se recontar o passado por parte dos historiadores nunca desestimulou as tentativas de construção de conhecimento desse

\* Doutor, Medievalista da UFES. Acadêmico correspondente da *Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona*. Site: [www.ricardocosta.com](http://www.ricardocosta.com)

<sup>1</sup> Site: [www.airstudios.com](http://www.airstudios.com)

<sup>2</sup> MARTIN, George. *Paz, Amor e Sgt. Pepper. Os bastidores do disco mais importante dos Beatles*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995, p. 9.

<sup>3</sup> GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>4</sup> TOYNBEE, Arnold. *Um Estudo da História*. Brasília: UnB; São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 506.

<sup>5</sup> LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva, 1989, p. 12.

<sup>6</sup> GINZBURG, Carlo. *Relações de Força. História, Retórica, Prova*. S. Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>7</sup> GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 85-103.

<sup>8</sup> Esse procedimento já fora realizado por Ginzburg na obra *Olhos de Madeira* (p. 42-84), supracitada, mas, sobretudo, em *O fio e os rastros*.

mesmo passado, nem o fascínio causado por esse processo. Desde os processos de indulto na França moderna analisados por **Natalie Zemon Davies** (1928- )<sup>9</sup>, até os sermonários e poemas apresentados por **Georges Duby** (1919-1996) em sua investigação sobre as mulheres medievais<sup>10</sup>, passando pelos milhares de documentos, magnificamente sondados e interpretados por **Fernand Braudel** (1902-1985)<sup>11</sup>, são inúmeros os depoimentos dos especialistas de suas maravilhosas estupefações com o que descobrem com a leitura das fontes.

As fontes. O contato com elas. Esse é o momento em que o historiador é, de fato, um *verdadeiro artista*.<sup>12</sup> É quando então consegue o contato direto com os rastros do passado e tenta, com a “timidez do homem de ciência”, como bem disse **Fernando Domínguez Reboiras** (1943- ), “analisar os testemunhos reunidos para elevar sobre eles conjecturas e uma teoria dentro dos limites da verdade”.<sup>13</sup>

As fontes e a verdade. A História como arte. Primeiro tratarei das fontes. Para afirmar sua importância capital na investigação histórica, em um artigo publicado na *Harper's Magazine*, **Barbara Tuchman** (1912-1989) fez algumas considerações muito interessantes para minhas divagações nesse momento, que transcrevo a seguir:

Nunca pude ver nenhum sentido em referir-me ao vizinho da universidade ao lado como fonte. Para mim, isso não constitui fonte nenhuma: quero saber de onde veio, originalmente, um fato, e não quem o usou pela última vez. Quanto à referência de um livro de nossa autoria como fonte, isso me parece o cúmulo do absurdo.

Disseram-me que os alunos são obrigados a citar historiadores secundários para mostrar que conhecem a bibliografia, mas se eu estivesse distribuindo diplomas, exigiria conhecimento direto das fontes primárias. As histórias secundárias são necessárias quando partimos de uma ignorância total de um assunto (...) mas depois que me colocaram no caminho, prefiro seguir o resto da estrada sozinha. Se eu fosse professora, reprovava qualquer aluno que se contentasse em citar uma fonte secundária como sua referência para um fato.<sup>14</sup>

Os problemas que **Tuchman** levanta para os EUA da década de sessenta do século XX são particularmente importantes para o estudo da História em nosso país nos primeiros anos do século XXI. Isso porque, infelizmente, a maior parte dos historiadores formados atualmente em nossos cursos sai das universidades após quatro, cinco anos, sem nunca ter lido um documento de época, o que só acontece, em boa parte dos casos, durante a pós-graduação. Essa distorção em nossa metodologia de estudo do passado faz com que habituemo-nos a pensar em termos de *autoridade*: algo só é válido na medida em que foi dito por alguém em um posto acadêmico. Ou seja: em nosso país não importa o que se diz, mas quem diz!

Ora, o *argumento da autoridade* sempre foi o mais fraco, tanto em um debate quanto em prova documental. Nesse aspecto, por mais paradoxal que possa parecer, os universitários da Idade Média têm muito a nos ensinar. No distante século XIII, na Universidade de Paris, os estudantes de Tomás de Aquino (1225-1274) já sabiam que

<sup>9</sup> DAVIES, Natalie Zemon. *Histórias de perdão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>10</sup> DUBY, Georges. *Eva e os padres – Damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>11</sup> BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1995-1996, 03 volumes.

<sup>12</sup> Para **Hans-Georg Gadamer** (1900-2002), a verdade das ciências humanas “...envolve uma análise da experiência da arte (...) mais próxima da experiência da verdade como se encontra nas ciências humanas do que da que é característica das ciências naturais.” – NEVES, Guilherme Pereira das. “História e Hermenêutica: uma Questão de Método?”, *Conferência de encerramento do I Seminário Nacional de História e Historiografia Brasileira* (UERJ).

<sup>13</sup> DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. “Introdução”. In: *Raimundo Lúlio e as Cruzadas*. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2009, p. xviii.

<sup>14</sup> TUCHMAN, Barbara W. *A prática da História*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 34.

não importa quem diz, mas o que se diz.<sup>15</sup> Já se privilegiava a razão, a capacidade argumentativa – e com base em dados empíricos (inclusive para questões metafísicas, como, por exemplo, as cinco provas de Tomás para a existência de Deus).<sup>16</sup> Por isso, em nosso *métier*, o conhecimento e a análise das fontes é – e sempre foi – condição *sine qua non* para se fazer qualquer afirmativa, especialmente para se construir uma sólida narrativa do passado, e não uma afirmação de autoridade!

Construídas a partir da investigação das fontes, nossas narrativas, em que pesem os silêncios e vácuos, distorções e névoas dos documentos consultados, ancora-se sempre na esperança de que é possível saber, com razoável grau de certeza, o que aconteceu. Todo historiador que se preza alimenta essa crença: dominar a crítica interna e externa do(s) documento(s) escolhido(s), para assim poder montar o seu quadro do passado.

A esse respeito, é notável perceber que a antiga (e clássica) obra de **Henri-Iréné Marrou** (1904-1977) *Sobre o Conhecimento Histórico*<sup>17</sup>, ainda seja citada quando se tem que criar um verbete como o “Método Histórico” em um *Dicionário das Ciências Históricas*<sup>18</sup> E o que **Marrou** defende tradicionalmente não é muito diferente do que hoje afirma **Ginzburg**. Para o italiano, as fontes não são nem *janelas escancaradas* como pensavam os positivistas do século XIX, nem *muros que impedem a visão*, como os céticos do final do século XX: são *espelhos deformantes*.<sup>19</sup> Basicamente, essa é a mesma tese de **Georges Duby**<sup>20</sup>, que também define nossa profissão como “uma tentativa da maior aproximação possível da verdade e de suspeição perante tudo o que pode deformar o testemunho”.<sup>21</sup> Por esse motivo, há um ponto em comum entre historiadores e juízes: ambos se preocupam em definir os fatos.<sup>22</sup> Portanto, analisar as possíveis deformações das fontes também torna o conhecimento histórico possível – e, é claro, só se pode pensar em deformação de algo que era originalmente uniforme – isto é, a verdade da realidade. **Christopher Brooke** (1927- ) resumiu maravilhosamente bem a base de toda investigação humana: a responsabilidade de perseguir a verdade!<sup>23</sup>

Mas *o que é a verdade?* É o êxito de um procedimento cognoscitivo, no qual se constrói uma *correspondência* — por mais difícil e esquiva que seja a verdade daquilo que oferecem os testemunhos de uma época. Um conhecimento é verdadeiro na medida em que seu conteúdo concorda com o objeto intencionado, isto é, quando há conformidade entre o intelecto (do observador) e a coisa (observada).<sup>24</sup> Mas também *é verdade* que apreender a realidade vivida a partir das fontes nunca foi um trabalho fácil. O verdadeiro historiador constantemente se depara com esse problema diante de si.<sup>25</sup>

Para os estudos históricos, a verdade é um *conceito relacional*: quanto maior o número de comparações evidenciais, maior será a possibilidade de precisão do resultado. Isso é muito patente nos registros de batalhas feitos pelos dois lados

<sup>15</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teología* (pres. Damián Byrne, op.), Primeira Parte, Questão 1, Artigo 8, ad 2. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2001, p. 96.

<sup>16</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes: Sulina; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1990, Livro I, Parte I, Cap. XIII, p. 37-44.

<sup>17</sup> MARROU, Henri-Iréné. *Sobre o Conhecimento Histórico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

<sup>18</sup> DUMOULIN, O. “Método Histórico”. In: BURGUIERE, André (org.). *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993, p. 537-539.

<sup>19</sup> GINZBURG, Carlo. *Relações de Força. História, Retórica, Prova, op. cit.*, p. 44.

<sup>20</sup> DUBY, Georges. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Editora UFRJ, 1993.

<sup>21</sup> DUBY, Georges, e GEREMEK, Bronislaw. *Paixões comuns. Conversas com Philippe Sainteny*. Lisboa: Edições Ása, 1993, p. 76.

<sup>22</sup> GINZBURG, Carlo. *Relações de Força. História, Retórica, Prova, op. cit.*, p. 62.

<sup>23</sup> BROOKE, Christopher. *Ó Casamento na Idade Média*. Lisboa: Publicações Europa-América, s/d, p. 16

<sup>24</sup> “falso é dizer que o ser não é ou que o não-ser é; verdadeiro é dizer que o ser é e que o não-ser não é”, ARISTÓTELES, *Metafísica*, IV, 7, 1011 b 25ss., e “As coisas se dizem falsas neste sentido: ou porque não existem, ou porque a imagem que delas deriva é de algo que não existe” (V, 29, 1024 b, 25). São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 179 e 261.

<sup>25</sup> DUBY, Georges. *A História Continua, op. cit.*, p. 33-42.

combatentes. A confrontação de diferentes perspectivas é sempre muito rica, pois permite matizar e moderar todas as versões.<sup>26</sup> Ademais, quando é encontrada, a verdade costuma causar incômodo – e isso não é privilégio nem das correntes de direita, nem das de esquerda (por vezes, inclusive, tanto uma quanto a outra fazem o possível para ocultá-la). Como a perplexa estupefação dos estudantes de Cirurgia na *Lição de Anatomia do Dr. Tulp* (1632) (**figura 1**), famoso quadro de Rembrandt (1606-1669)<sup>27</sup>, a busca da verdade por parte do historiador é a honesta exposição das vísceras, pequena pedra no sapato de todos os ideólogos, de todas as ideologias, essas *mitologias históricas* (expressão de **Eric Hobsbawm** [1917- ]<sup>28</sup>) que povoam nosso imaginário coletivo globalizado.

Aliás, **Hobsbawm** é outro que defende com vigor que aquilo que os historiadores investigam é o real, e que as declarações históricas devem ser baseadas em evidências comprováveis.<sup>29</sup> Para o historiador, a *verdade da história* não é nem o *objetivismo puro*, nem o *subjetivismo radical*, e sim, a simultânea apreensão do objeto (o passado) e a aventura espiritual do sujeito do conhecimento (o historiador).<sup>30</sup>



**Figura 1** - Serenamente exposta pelo historiador, a *verdade do passado* é como a exposição das vísceras diante dos olhares atônitos e incrédulos dos estudantes frente às infinitas e múltiplas possibilidades das sociedades humanas ao longo do tempo. *A Lição de Anatomia do Dr. Tulp* (1632), de Rembrandt (óleo em tela, 169,5 × 216,5 cm, *Royal Picture Gallery Mauritshuis*).<sup>31</sup>

Mas como apreendemos o passado para, a seguir, recontá-lo, recriá-lo? Como criamos essa *imagem mental* do que aconteceu e, ao narrá-la, tornamo-nos um *artista do passado*? É fundamental que nos reconheçamos no texto, que tentemos ver-nos espelhados no que lemos, que nos transportemos para o espírito da época e compartilhemos o que **Marc Bloch** (1886-1944) chamou de *experiência comum de humanidade*.<sup>32</sup>

<sup>26</sup> Em mais de uma oportunidade eu pude realizar esse trabalho de *crítica comparativa das fontes*. Ver COSTA, Ricardo da “Então os cruzados começaram a profanar em nome do pendurado”. *Maior sangrento: os pogroms perpetrados em 1096 pelo conde Emich II von Leiningen (†c. 1138) contra os judeus renanos, segundo as Crônicas Hebraicas e cristãs*. In: LAUAND, Jean (org.). *Filosofia e Educação – Estudos 8. Edição Especial VIII Seminário Internacional CEMOrOc: Filosofia e Educação*. São Paulo: Editora SEMOrOc (Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da USP), Factash Editora, 2008, p. 35-61, e COSTA, Ricardo da. “Amor e Crime, Castigo e Redenção na Glória da Cruzada de Reconquista: Afonso VIII de Castela nas batalhas de Alarcos (1195) e Las Navas de Tolosa (1212)”. In: OLIVEIRA, Marco A. M. de (org.). *Guerras e Migrações*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004, p. 73-94.

<sup>27</sup> **Rembrandt** e **Caspar David Friedrich** (figura 2) possuem características afins com o método histórico. Por exemplo, Rembrandt retratava seus temas com gestos dramáticos e vívido tratamento de luz (CHILVERS, Ian [ed.] *Dicionário Oxford de Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 441), e se opunha ao paternalismo de Rafael e Rubens com cenas realistas de gentinha mal-ajambrada (BELL, Julian. *Uma nova História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 246).

<sup>28</sup> Citado em COSTA, Ricardo da. “Para que serve a História? Para nada...”. In: *Sinais 3, vol. 1, junho/2008*. Vitória: UFES, p. 43-70.

<sup>29</sup> HOBBSAWM, Eric. *Sobre História. Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 8.

<sup>30</sup> MARROU, Henri-Iréné. *Sobre o Conhecimento Histórico, op. cit.*, p. 184.

<sup>31</sup> Site: <http://www.mauritshuis.nl>.

<sup>32</sup> COSTA, Ricardo da. “O conhecimento histórico e a compreensão do passado: o historiador e a arqueologia das palavras”. In: ZIERER, Adriana (coord.). *Revista Outros Tempos*. São Luís,

Nesse instante de *imaginação consciente*, quase nos encontramos, no ritmo do texto, em certa sintonia, que nada mais é do que um *tempo comum*, espécie de *hiato temporal* criado pela leitura<sup>33</sup>, quando então partilhamos historicamente algo dos sentimentos, dos pensamentos e das perspectivas do passado, e sentimos o anacronismo para chegar à diacronia. Fazer História dessa forma, sensitiva, sensível, é *compreender existencialmente*.<sup>34</sup> E a *imaginação* é uma artística e ativa parte desse processo histórico-mental, mas não uma imaginação em devaneio, porém, delimitada pelo passado que chegou até nós pelas fontes.<sup>35</sup>

Munido desse *preparo compreensivo*, saímos à procura da caça humana<sup>36</sup>, à procura do passado, como *O Caçador na Floresta* (1814) do pintor romântico Caspar David Friedrich (1774-1840) (**figura 2**).<sup>37</sup> Solitários e vulneráveis, sabemos que a História será tão ameaçadoramente impenetrável como a imponente parede de pinheiros à nossa frente, caso não nos munamos, como um soldado prussiano, desse aparato reflexivo e, por alguns momentos, abandonemos o nosso efêmero presente (aqui metaforizado como o minúsculo e sombrio corvo empoleirado no tronco cortado) e o tornemos destroços atrás de nós.<sup>38</sup>

Só assim, nos *escombros mentais do presente*, poderemos tatear o passado e encontrar a melhor perspectiva possível para descrever a nossa *contemplanção temporal*. John Lewis Gaddis (1941- ) já havia percebido as possibilidades interpretativas da pintura de Caspar David Friedrich como metáfora do mapeamento do passado por parte dos historiadores.<sup>39</sup>



**Figura 2** - A imponente imensidão do passado diante da pequenez do presente. Entre ambos, o solitário soldado (historiador) que penetra mata adentro, munido com suas armas compreensivas. Nesse caso, o encontro do Historiador com a História será como o do filósofo estóico Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.) com a divindade no seio da floresta: “Sem a divindade, ninguém pode ser um homem de bem (...) Se penetrares num bosque cheio de velhas árvores, de altura fora do comum e tais que a densidade dos ramos entrelaçados uns nos outros oculta a vista do céu, a própria grandeza do arvoredo, a solidão do lugar, a visão magnífica dessa sombra tão densa e contínua no meio da planura, tudo te fará sentir a presença divina.”, *Cartas a Lucílio*, 41, 3.<sup>40</sup> *O caçador na floresta* (1813/1814), 65,7 x 46,7 cm. Coleção particular.

---

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), volume 1, 2004. Bloch afirma isso na clássica obra *Introdução à História* (Lisboa: Publicações Europa-América, 1997, p. 99).

<sup>33</sup> SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. *Para ler os medievais. Ensaio de hermenêutica imaginativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 19-33.

<sup>34</sup> KOSELLECK, Reinhart, GADAMER, Hans-Georg. *Historia y hermenêutica*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1997, p. 69.

<sup>35</sup> DUBY, Georges. *A Europa na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 1.

<sup>36</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 54.

<sup>37</sup> Friedrich se baseava na *contemplanção profunda* para conceber mentalmente as imagens expressas em suas telas. CHILVERS, Ian (ed.) *Dicionário Oxford de Arte, op. cit.*, p. 201. Por exemplo, um de seus quadros é descrito por um especialista como “um vislumbre do eterno devir” (BELL, Julian. *Uma nova História da Arte, op. cit.*, 307).

<sup>38</sup> A solidão do soldado e o caráter ameaçador da floresta foram interpretados por SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 114-116.

<sup>39</sup> GADDIS, John Lewis. *Paisagens da História. Como os historiadores mapeiam o passado*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

<sup>40</sup> LÚCIO ANEU SENECA. *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, p. 141.

**Umberto Eco** (1932- ) definiu o estilo do pintor alemão como a *poética das montanhas*, e o que disse a respeito – um viajante que sempre se sente fascinado por rochas inacessíveis, glaciares sem fim, abismos sem fundo, extensões sem limite – também é uma admirável analogia da relação entre o historiador e a História, o viajante e as paisagens de sua viagem.<sup>41</sup> Por sua vez, **Simon Schama** (1945- ) se valeu maravilhosamente bem da arte para explicar o modo de olhar o que já possuímos, mas que nos escapa ao reconhecimento e apreciação.<sup>42</sup> E a História não é essa constante e renovada exploração apreciativa do passado que insiste em escapar à nossa compreensão?

\*\*\*

Caso o historiador explore os vestígios do passado com aquela curiosidade determinada, eleve o seu espírito, amplie sua experiência, vislumbre e interogue incisivamente a paisagem do tempo que se descortina à sua frente através dos documentos, e a rerepresente aos seus contemporâneos com o lirismo e a verdade, a riqueza e a dramaticidade que as sociedades passadas e seus mortos exigem, será um agradável e consciente *viajante contemplativo*, e saberá explorar todas as possibilidades de sua interpretação histórica. Terá, enfim, alcançado a maturidade da *consciência histórica*.<sup>43</sup> Será um Historiador. Caso contrário, será um mero provinciano, um ideólogo representante do último modismo acadêmico fadado a desaparecer nas pobres brumas de sua insignificância. Será um historiador.<sup>44</sup>

Este opúsculo é dedicado ao querido mestre **Guilherme Pereira das Neves**

Recebido para publicação em 25-06-10; aceito em 08-07-10

---

<sup>41</sup> ECO, Umberto. *Historia de la Belleza*. Barcelona: Editorial Lumen, 2004, p. 282.

<sup>42</sup> SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*, *op. cit.*

<sup>43</sup> GADDIS, John Lewis. *Paisagens da História*, *op. cit.*, p. 19-20.

<sup>44</sup> Agradeço sobremaneira a leitura crítica feita pelos amigos Stan Stein e Armando Alexandre dos Santos.